



A dimensão regional na literatura e sua importância para o pensamento social brasileiro

Renata Santos Rente¹

RESUMO

Superando o otimismo patriótico da condição de “país novo” que produziu uma “consciência amena do atraso”, o romance social das décadas de 1930 e 1940, com destaque para as obras de cunho regional, assumiu um tom de denúncia que, segundo Antonio Candido, precedeu “a tomada de consciência dos economistas e políticos”. Ainda segundo o crítico, não obstante os melhores produtos da ficção brasileira tenham sido urbanos – pois que desprovidos da atitude pitoresca e da ênfase na cor local –, a realidade econômica do subdesenvolvimento “manteria a dimensão regional como objeto vivo”. O realismo social que se esboça em particular no assim chamado “romance do nordeste”, é momento importante que assinala as transformações no tratamento da matéria social brasileira na literatura. Nesse artigo, em diálogo com o texto “Literatura e subdesenvolvimento” de Antonio Candido apresentamos alguns apontamentos acerca do modo como a literatura de cunho regional, em particular de autores como Graciliano Ramos e Guimarães Rosa expõem a relação contraditória entre atrasado e moderno de modo a oferecer uma perspectiva crítica em relação ao progresso e à formação nacional.

Palavras-Chave: Literatura, Regionalismo, Formação nacional, Antonio Candido.

Recebido em 27/11/2018
Aceito para publicação em 17/12/2018

DOI: <https://doi.org/10.25067/s.v22i2.23046>

Introdução

Antonio Candido é notadamente um dos maiores expoentes do que reconhecemos como pensamento social brasileiro. Não obstante boa parte sua produção tenha sido dedicada à literatura, destacando-se as atividades de crítica e historiografia literária, Candido é exemplo de uma geração de intelectuais cujo

¹ Doutoranda em Teoria Literária e Literatura Comparada na Universidade de São Paulo (USP).
Email: renascidinha@gmail.com.

interesse pela matéria brasileira ensejou o trânsito entre diferentes campos do pensamento social. A geração da qual o crítico faz parte esteve, aliás, à frente da formação, em âmbito universitário, de vários desses campos.

Num momento que precede a consolidação desses campos, a literatura apresentava-se como referência importante para o pensamento brasileiro já que os estudos sociais se desenvolveriam no país somente com a criação dos centros universitários. Antes disso, como assinala Candido, a divisão do trabalho intelectual não havia se constituído da maneira como hoje se apresenta e a literatura cumpria uma função que extrapolava o espectro do sistema literário propriamente dito: ante a impossibilidade de formar aqui pesquisadores, técnicos, filósofos, ela [a literatura] preencheu a seu modo a lacuna, criando mitos e padrões que serviriam para orientar e dar forma ao pensamento (Candido, 2000, p.120). Nesse contexto, a literatura se constituía como momento das atividades pesquisa e interpretação do país, sendo a principal componente da formação de uma consciência nacional.² Essa correlação se mostra decisiva num momento posterior, confirmando a vocação empenhada da literatura no país, que antecipa questões (e formas de tratá-las) que as ciências sociais só passariam a abordar no decorrer do século XX.

A avaliação de Candido, voltada em especial para um momento anterior ao desenvolvimento da pesquisa no campo das ciências sociais, contribui para pensar também sobre o momento, do qual o crítico participa, em que os campos estão se desenhando. Considerar esses momentos é importante tanto para situar o contexto com o qual essa avaliação do crítico dialoga mais diretamente, considerando que se trata de um texto redigido nos anos de 1950, quanto para perceber como essa avaliação se coloca em textos posteriores. Também o momento em que tomamos contato com essas avaliações deve ser considerado se quisermos estabelecer uma interlocução que leve em conta os desdobramentos do processo de modernização em escala nacional e mundial que informam nosso ponto de vista. E uma interlocução nesses termos implica o reconhecimento de que o modo como interpretamos o passado se apresenta como um dos componentes mais ativos do presente.

Não é sem consequências que persiste na tradição do pensamento social brasileiro a interpretação de que a formação do país se realiza fazendo coexistir

² “[...] a literatura contribuiu com eficácia maior do que se supõe para formar uma consciência nacional e pesquisar a vida e os problemas brasileiros. Pois ela foi menos empecilho à formação do espírito científico e técnico (sem condições para desenvolver-se) do que um paliativo para a sua fraqueza. Basta refletir sobre o papel importantíssimo do romance oitocentista como exploração e revelação do Brasil aos brasileiros.” (Candido, 2000, p.121).

formas atrasadas e modernas. Muito embora pareça resultado de uma constatação inequívoca, essa interpretação ensejou, tanto no campo do pensamento social, quanto nos discursos e práticas políticas que nela se fundamentam, uma expectativa positiva em relação às ações modernizadoras que, mais das vezes, obliterou aspectos contraditórios desse processo. Muito embora a modernização levada a cabo pelo Estado desenvolvimentista e pelos militares tenha sido criticada como conservadora, a ênfase na necessidade de superação do atraso (como resquício abjeto da sociedade colonial) correspondeu à ênfase na qualidade positiva da modernização e, muitas vezes, serviu de justificativa para a “necessidade” de modernizar a qualquer custo.

Travando um diálogo com essa tradição ao longo de nossas pesquisas³, apontamos a necessidade de reconhecer e criticar o dualismo subjacente às interpretações sobre a formação nacional e, para tanto, tem sido fundamental investigar o que está na base desse processo considerando os desdobramentos catastróficos que se fazem sentir de modo agudo no presente. Entendendo a modernização como processo de formação e generalização das relações capitalistas, e reconhecendo nos desdobramentos atuais o colapso desse processo, essa crítica não é feita com a pretensão de corrigir ou de apontar o dualismo como uma perspectiva equivocada, mas de chamar atenção para a força com a qual essa interpretação atua no presente, não obstante as expectativas com relação à modernização tenham mudado.

Para dar um exemplo, fundamental para o debate que estamos propondo aqui, a expectativa com relação à instrução e ao desenvolvimento dos estudos universitários, presente na avaliação que Antonio Candido faz na década de cinquenta, é distinta daquela que podemos observar em avaliações posteriores do crítico, e ainda mais distinta das expectativas que podemos ter em nossa época.

Tendo como parâmetro a formação universitária das últimas décadas e o contexto de especialização no qual, grosso modo, a reflexão cede espaço à lógica das pesquisas e seus resultados, a própria formação intelectual, que estava no horizonte do crítico, se mostra comprometida. Diferente da geração que se

³ O presente texto sintetiza leituras e discussões realizadas em grupos de estudos e que estão sistematizadas e desdobradas em nossas dissertações e teses. Não obstante as reflexões se apresentem a partir de formulações autorais, entendemos a importância de enfatizar o processo coletivo de elaboração em relação ao qual a redação de trabalhos acadêmicos é momento importante, mas não finalidade exclusiva. A maioria desses trabalhos foi realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, sob a orientação do Professor Heinz Dieter Heidemann, e alguns deles estão indicados na bibliografia.

destaca nas primeiras décadas de ensino universitário no Brasil, momento de intensa divisão do trabalho intelectual, mas também momento de convivência e troca de serviços entre literatura e estudos sociais (Candido, 2000, p. 122, 123), as gerações posteriores, paulatinamente, passaram a respirar outra atmosfera de debate, na qual o diálogo entre os campos, quando existe, tem de ser buscado na assim chamada interdisciplinaridade. Ao passo que as primeiras gerações dialogavam com o Modernismo, enquanto movimento cultural no sentido amplo (Candido, 2000, p.123), o contexto de especialização contemporâneo parece indicar que a divisão do trabalho intelectual se realizou de tal forma que apagou os rastros de seu processo formativo.

A importância da literatura na investigação dos problemas brasileiros e sua contribuição para a formação dos estudos sociais no Brasil é retomado pelo crítico em diferentes textos e de modo especial em “Literatura e subdesenvolvimento” de 1970. Neste texto, o crítico chama atenção para um importante movimento de tomada de consciência em relação ao atraso, graças ao qual podemos entrever também expectativas distintas com relação à modernização e seu colorário.

Da euforia à agonia: Realidade trágica do subdesenvolvimento

O interesse pela particularidade brasileira seja como fonte de identidade, conhecimento, reflexão ou matéria de representação literária só poderia se esboçar a partir do momento em que, feita a independência política, o Brasil emergiu como algo distinto do território de colonização portuguesa. Sob esse aspecto, aquilo que, num primeiro momento, se manifesta como consciência nacional está referido à noção de país novo, à virtualidade da nação, em cuja auto-imagem figuram as potencialidades. De acordo com Candido, a ideia de país novo produziu na literatura algumas atitudes fundamentais derivadas da surpresa, do interesse pelo exótico, de um certo respeito pelo grandioso e da esperança quanto às possibilidades (Candido, 2011, p. 169).

Dentre essas atitudes o interesse pelo exótico chama atenção quando temos em vista a ficção regionalista cujos traços, de acordo com Candido, se esboçam a partir do romantismo e estão vinculados à descrição das regiões e dos costumes rurais (Candido, 2011, p. 190). As primeiras manifestações dessa ficção se ligam a diversos fatores dentre os quais se destacam a condição de ex-colônia e a correspondente dependência cultural. O exotismo, como atitude que

predominou no período e persistiu em parte considerável dessa ficção, se mostra, por isso, relacionado à posição dos escritores e seu vínculo com um público restrito, amalgamados pelos valores da civilização europeia.

No movimento apresentado em “Literatura e subdesenvolvimento”, esse período é marcado pela euforia em relação à pátria nascente, pela exaltação dos aspectos da natureza que pareciam predestinar o novo mundo à realização daquilo que a civilização prometia de melhor. A ele corresponde à fase que o crítico identifica como de consciência de país novo em que a situação de atraso material e das instituições é compensada pela supervalorização dos aspectos regionais, fazendo do exotismo razão de otimismo social (Candido, 2011, p. 170). O regionalismo que se esboça nessa fase dá lugar ao pitoresco decorativo e funciona como descoberta, reconhecimento da realidade do país e sua incorporação ao temário da literatura (Candido, 2011, p. 191).

Marcada pelas expectativas positivas em relação ao destino da nação, essa fase constitui, para o crítico, um momento decisivo da formação da literatura brasileira, sobretudo em relação ao seu caráter empenhado. Entre outras razões apontadas por Candido, a importância do papel exercido pela literatura se deve, não obstante, a fatores que impossibilitaram sua irradiação: o atraso da instrução, o analfabetismo, a fraca divisão do trabalho intelectual. Esses fatores, ao mesmo tempo em que confinam a literatura ao círculo restrito de uma elite ilustrada, para a quem o povo é uma entidade romantizada entrevista de longe, são responsáveis por colocá-la como precursora na formação da consciência nacional e na investigação dos problemas brasileiros.

Esse caráter precursor se mostra particularmente significativo, quando o crítico apresenta uma mudança de perspectiva esboçada nos anos de 1930, a partir de um movimento de tomada de consciência da condição de subdesenvolvimento. Tal mudança se manifesta de modo especial na ficção regionalista, tomada como parâmetro devido à sua persistência e generalidade. O contraste entre as duas fases marca a passagem da euforia para a agonia, onde o gigantismo de base paisagística é desmascarado como ilusão compensadora e a consciência catastrófica do atraso passa a suscitar reformulações políticas (Candido, 2011).

A persistência da ficção regionalista é avaliada tendo em vista a atuação que as condições econômicas ou sociais exercem sobre a escolha dos temas (Candido, 2011, p. 190), e sua importância se mostra decisiva para dar visibilidade, a partir da representação literária, às áreas que correspondem ao panorama do atraso e do subdesenvolvimento (Candido, 2011, p. 191). É

inegável, nesse sentido, o papel que o chamado “romance do Nordeste”, desempenha nesse panorama. Sem desconsiderar as profundas diferenças entre os romances que essa categoria pretende abarcar, o volume das obras referidas a essa região, entre os anos de 1930 e 1940, é apontado como sintoma da realidade trágica do subdesenvolvimento (Candido, 2011) e precursor de uma tomada de consciência que só se manifestaria claramente a partir dos anos de 1950.

Sob esse aspecto, é significativo observar que no centro do debate sobre o desenvolvimento econômico que ganhava força nos anos de 1950, a região Nordeste figurará como um dos pólos mais sensíveis nos diagnósticos sobre os desequilíbrios regionais. Não obstante a condição de atraso e subdesenvolvimento esteja referida ao país como um todo, o Nordeste e, em particular o sertão nordestino, acabou personificando a imagem do atraso que era necessário extirpar. O diagnóstico sobre os desequilíbrios regionais, embora pareça ir de encontro à atitude de denúncia que tomou fôlego nos romances de 1930 e 1940, tratou de assimilar a visão pessimista quanto ao presente e problemática quanto ao futuro (Candido, 2011, 171) aos apelos populistas, à imagem redentora do progresso, à visão apelativa do atraso que servia como justificativa para as políticas de planejamento regional.⁴

A atitude de denúncia ante a precariedade das condições de vida das populações nas áreas identificadas ao atraso que caracteriza, grosso modo, o assim chamado romance do Nordeste é indissociável do tipo de realismo que parece predominar nos romances do período. E, embora esses romances se afastem do nativismo da fase anterior, Candido chama atenção para os restos de pitoresco tributário desse tipo de realismo, mais preocupado em tomar partido diante dos problemas da realidade do que em refletir sobre as consequências estéticas desse tratamento.

É significativo notar que, no movimento apresentado por Candido, a passagem da visão eufórica para a visão agônica é apontada como tomada de consciência de quanto o atraso é catastrófico. Desse modo, dado que a

⁴ É necessário ter em consideração, embora não nos aprofundemos aqui, que as ações modernizadoras promovidas por essas políticas, em nome do progresso da nação e do desenvolvimento regional, intensificaram um processo de expropriação que já estava em curso e que possibilitou a mobilização de grandes massas de trabalhadores para satisfazer o apetite de um mercado de trabalho em formação. A região Nordeste na redefinição da divisão regional do trabalho em escala nacional passou a ser “sistematicamente, a reserva do exército industrial de reserva: as migrações Nordeste-São Paulo chegam a construir um formidável contingente que vai suprir os postos de trabalho criados pela industrialização” (Oliveira, 1977, p. 163).

preocupação do crítico é chamar atenção para a relação entre literatura e subdesenvolvimento, boa parte do texto é dedicada a avaliar as obras a partir da importância política dessa passagem. Comparada a uma terceira fase – cujos contornos são esboçados de modo sucinto, e que toma como referência a obra de Guimarães Rosa –, as obras dessa segunda são reavaliadas tendo em vista a qualidade estética que se esboça nessa terceira. Tendo em vista que essa comparação enfatiza aspectos estéticos, interessa indagar, de que modo a passagem da agonia para essa terceira fase que, segundo o crítico, corresponde à consciência dilacerada do subdesenvolvimento (Candido, 2011. p. 195), configura uma mudança de perspectiva.

Da agonia ao dilaceramento

A terceira fase da ficção regionalista proposta por Candido compreende as obras *marcadas pelo refinamento técnico, graças ao qual as regiões se transfiguram e seus contornos humanos se subvertem, levando traços antes pitorescos a se descarnarem e adquirirem universalidade* (Candido, 2011, p. 195). Para o crítico, o maior exemplo dessa ficção é a obra de Guimarães Rosa *solidamente plantada no que se poderia chamar a universalidade da região* (Candido, 2011, p. 195). Em relação à ficção regionalista que predomina nos anos de 1930 e 1940, o que distingue essa terceira fase é, sobretudo, a ruptura com o documentário social e com um *tipo de naturalismo que se baseia na referência empírica do mundo* (Candido, 2011, p. 195). Como o significado dessa ruptura é apenas assinalado, um passo importante no diálogo com essa proposição é pensar de que modo a transfiguração da região – uma mudança estética – pode indicar uma mudança de perspectiva histórica, análoga àquela que se observa na passagem da *consciência de país novo*, para a *consciência do subdesenvolvimento*.

É extremamente significativo que o autor tomado como exemplo dessa terceira fase da ficção regionalista seja Guimarães Rosa. O romance *Grande Sertão: Veredas* e o impacto que ele representa na literatura brasileira colocam novos problemas à sensibilidade do público e aos critérios da crítica, já que, matéria de sertão, a referência mais próxima do período em que Guimarães Rosa escreve, pelo menos em termos de tratamento ficcional, é o romance do Nordeste. Tomemos, por isso, como termo comparativo os aspectos que se sobressaem na imagem desse conjunto, muito embora, como já apontamos, a categoria não dê conta de abarcar a diversidade de obras a qual se refere. O primeiro aspecto que se destaca é atitude de denúncia em relação às condições

de vida das populações do sertão marcadas pela violência, pela instabilidade social, pela seca e pela exploração do trabalho. Correlata à atitude de denuncia se coloca o problema da posição do escritor e do público ao qual se dirige essa literatura.

Essa equação se mostra decisiva quando temos em consideração, conforme aponta Bueno (2006), que o intelectual que escreve os romances de 1930 não vem das camadas mais baixas e, ao tratar da vida do *roceiro pobre* estaria sempre falando de um *outro*. A alteridade entre o escritor e a experiência que ele toma como matéria é marcada por impasses que se manifestam no estilo, na linguagem e na escolha do ângulo narrativo. Para Candido, embora a ficção dessa segunda fase opere uma mudança de perspectiva decisiva em relação à primeira nela subsistiriam traços do exotismo e do pitoresco que comprometem o alcance das obras. Esses traços se expressam de modo especial no tratamento do drama das personagens, que adquirem traços genéricos de um realismo rasteiro e não alcançam estatura e complexidade a ponto de se desprenderem do narrador observador que, não obstante lhe seja solidário, ainda faz prevalecer a autoridade de seu ponto de vista.

Entretanto, já na passagem da euforia para agonia, o impacto trazido pela consciência do subdesenvolvimento parece se referir a uma mudança de perspectiva onde não apenas o atraso podia ser percebido como catastrófico. A modernização, como miragem redentora, também era percebida criticamente, a exemplo do ceticismo com que alguns intelectuais se posicionavam com relação a esse processo e essa percepção se apresentou de modo significativo na ficção de Graciliano Ramos.

Se tomarmos, por exemplo, o problema do exotismo e da caracterização pitoresca, a produção de Graciliano demonstra soluções semelhantes àquelas destacadas pelo crítico em relação à terceira fase. Vários elementos presentes em sua obra, cuja combinação tenderia a resultar no sentimentalismo e na retórica de denúncia, facilmente assimilável pelo discurso desenvolvimentista, também operam uma *explosão do tipo de naturalismo que se baseia numa visão empírica do mundo* (Candido, 2011, p. 195). Se um romance como *Vidas Secas*, publicado em 1938, pode ser identificado à fase de consciência do subdesenvolvimento, na qualidade com que expõe o *sufocamento humano do vaqueiro confinado aos níveis mínimos de sobrevivência* (Candido, 2011, p. 194), também é evidente que nessa obra a preocupação com o tema demonstra igual preocupação com as consequências estéticas. E se tomarmos como referência a ironia com a qual a literatura de denúncia é tratada em *Angústia*,

publicado em 1936, podemos entrever algo do dilaceramento apontado nessa terceira fase. Esse romance em especial, expõe aspectos contraditórios que tensionam com a caracterização tipificada dos personagens e das relações, problematizando a perspectiva realista e esclarecida que pressupõe juízos definidos pela crença nos valores positivos da civilização moderna.

É significativo nesse sentido considerar como uma preocupação com a técnica ficcional está relacionada com uma determinada compreensão da sociedade que possibilita criticar valores naturalizados na ficção de base realista. Entre esses valores está justamente crença na racionalidade científica e no desenvolvimento técnico como instrumentos da emancipação do indivíduo e da evolução da sociedade. Tendo como pressuposto esses valores, a visão predominante na ficção de base realista quando se volta para aquilo que enxerga como *a realidade brasileira* só pôde enxergar a ausência das condições para que essa emancipação se realizasse, identificando o atraso como obstáculo a ser superado em nome dessa emancipação.

E nesse sentido, a qualidade ficcional observada num romance como *Grande Sertão: Veredas* assinala a construção de uma perspectiva onde a própria modernização pode ser apresentada em seus contornos críticos. Perspectiva que interessa indagar tendo em vista a encenação do diálogo do narrador sertanejo Riobaldo com o senhor da cidade, figurado como representante dos valores da sociedade civilizada, letrada e esclarecida. Um dos procedimentos mais utilizados na construção do romance é justamente a estilização paródica dessa visão ilustrada presente nas representações românticas, naturalistas e realistas do sertão, assim como na objetividade científica que pressupõe a existência de uma verdade passível de ser observada e explicada de modo imparcial.

Um exemplo dessa estilização paródica é a construção do personagem Zé Bebelo como personificação das aspirações modernizadoras do Estado nacional em processo de centralização:

– “Ah, cujo vou, siô Baldo, vou. Só eu que sou capaz de fazer e acontecer. Sendo porque fui eu só que nasci para tanto!” Dizendo que, depois, estável que abolisse o jaguncismo, e deputado fosse, então reluzia perfeito o Norte, botando pontes, baseando fábricas, remediando a saúde de todos, preenchendo a pobreza, estreando mil escolas. Começava por aí, durava um tempo, crescendo voz na fraseação, o muito instruído no jornal. Ia me

*enjoando. Porque completava sempre a mesma coisa.
(Rosa, 1978, p.102)*

Embora não nos aprofundemos aqui, é significativo observar como essa caricatura articula aspectos contraditórios do conflito entre coronéis e a figura do Estado em processo de centralização. Considerando a associação entre o jaguncismo e o atraso e entre o Estado nacional e a modernização, o modo como esse conflito é apresentado no romance sugere uma interpretação onde o suposto antagonismo entre os interesses do Estado e os interesses dos coronéis pode ser reavaliado tendo em vista o coronelismo como momento do processo de formação desse Estado que se apresenta como promotor do progresso e representante dos interesses do povo⁵.

Dessa perspectiva, a violência atribuída ao atraso das instituições políticas, que seria tributária da condição colonial, se apresenta como momento do processo de modernização que permite ao Estado adquirir aparência de autonomia em relação aos interesses dos capitalistas. Se considerarmos que a precariedade das condições de vida das populações pobres é indissociável desse contexto e que as políticas destinadas a redimir essas condições aprofundam a sujeição dessa população, a imagem redentora da modernização pode ser contraposta àquilo que ela efetivamente realizou. E nesse sentido, caberia indagar se a mudança de perspectiva que se manifesta na passagem da agonia para o dilaceramento corresponderia a uma revisão crítica na forma de interpretar a própria modernização em seus desdobramentos catastróficos.

A bem dizer, essa pergunta, embora esteja referida aqui a um movimento de tomada de consciência que se manifesta na literatura, parte de reflexões bem atuais sobre uma mudança de expectativas com relação à modernização que parece tornar cada vez mais evidente que o potencial de emancipação a ela atribuído também correspondeu a uma ilusão compensadora, utilizando-nos aqui da expressão de Candido quando se refere ao otimismo da primeira fase. Se diante do desmascaramento social da segunda fase esse otimismo pôde revelar seu caráter ideológico, vale considerar que *a visão pessimista quanto ao presente e problemática quanto ao futuro* que observamos, por exemplo, na ficção de Graciliano Ramos, pôde ir além da atitude de denúncia em relação ao atraso. Nesse sentido podemos pensar que essa segunda fase prenuncia e radicaliza, no caso de algumas obras, aquilo que aparece como característica da

⁵ A análise da representação desse conflito, a partir da qual desenvolvemos a seguinte interpretação, é assunto do capítulo três de nossa dissertação de mestrado citada na bibliografia, Rente (2013).

terceira. A transfiguração da região, e a superação do tratamento realista, conferem um sentido crítico à própria modernização. A universalidade da região, a ideia de que *o sertão está em toda parte* (Rosa, 1978, p. 9), pode ser interpretada a partir da universalização da condição negativa desse progresso que, onde faltava, podia ser apresentado como redentor da catástrofe resultante do atraso. Agora que o progresso está em toda parte, e a realidade trágica do desenvolvimento capitalista se impõe com violência, o que resta dessa miragem redentora, senão reconhecer, com Walter Benjamin, que o progresso é a catástrofe.

Referências

- BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BOECHAT, C. A. A região do Colonato: mobilização do trabalho a autonomização do capital na área de Olímpia (1857-1964) no Oeste Paulista. 2009. 305 f. Dissertação (Mestrado Geografia Humana) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BUENO, Luís. Uma História do Romance de 30. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.
- CANDIDO, Antonio. Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Itatiaia; 1993, 2 v.
- _____. Literatura e Subdesenvolvimento e A revolução de 30 e a cultura. In: A educação pela noite. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- _____. Literatura e cultura de 1900 a 1945 e Crítica e sociologia. In: Literatura e Sociedade. São Paulo: Publifolha, 2000.
- LEITE, Ana Carolina Gonçalves. O campesinato no Vale do Jequitinhonha : da sua formação no processo de imposição do trabalho à crise de (sua) reprodução capitalista. 2015. 762 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana). FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- OLIVEIRA, Francisco de. Elegia para uma re(li)gião: SUDENE, Nordeste. Planejamento e conflito de classes. São Paulo: Boitempo, 2008.
- RENTE, Renata Santos. Região geográfica e o regional na literatura brasileira: a representação do sertão em Guimarães Rosa e os debates sobre a formação do Brasil. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- ROSA, Guimarães. Grande Sertão: Veredas. 12º ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- TOLEDO, Carlos de Almeida. A região das Lavras Baianas. 2008. 235 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana). FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo.

The regional aspect in literature and its importance for the Brazilian social thought

ABSTRACT

The social novel in the thirty and forty of the last century, known by his surpassing of the patriotic optimism inspired by the condition of a “brand new country” which has produced a “soft consciousness of the retardation”, mainly those known as regional, assumed a color of complaint which, according to Antonio Candido, has preceded the “awareness of the economists and politicians”. Moreover, according to the author, despite the remarkable works of the Brazilian fiction were produced in urban environment – although devoided of the pitoresque attitude and the emphasis in a local color -, the economical reality of the underdevelopment “would retain the regional aspect as an issue”. The social realism which is particularly outlined in the so called “novel of the northeast” is an important moment that stress the transformations on the handling the Brazilian social matter in literature. This article, having Antonio Candido’s “Literature and Underdevelopment” as a reference, we present some appointments about the way how the regional literature, particularly novelists as Graciliano Ramos and Guimarães Rosa, bring to light the contradictory relation between archaic and modern in order to render plausible a critical perspective in relation to the progress and the national formation.

Keywords: Literature, Regionalism, National formation, Antonio Candido.